

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA - UNIVAP

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E ARTES - FEA
CURSO DE PEDAGOGIA**

A MAGIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE 3 A 5 ANOS

DULCINEIA FERREIRA RODRIGUES

TATIANA CRISTINA DE SOUZA

CAMPOS DO JORDÃO – SP

2016

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA - UNIVAP

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E ARTES - FEA
CURSO DE PEDAGOGIA**

A MAGIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE 3 A 5 ANOS

Monografia Final apresentada como parte das exigências da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, de História, à Banca avaliadora da FEA - Faculdade de Educação e Artes, da UNIVAP - Universidade do Vale do Paraíba.

Orientador: Anézio Cláudio Bernardes – Professor Me.

DULCINEIA FERREIRA RODRIGUES

TATIANA CRISTINA DE SOUZA

CAMPOS DO JORDÃO – SP

2016

RODRIGUES, Dulcineia Ferreira e SOUZA, Tatiana Cristina de. *A magia dos contos de fadas na educação infantil de 3 a 5 anos*. Monografia de Conclusão do Curso de Pedagogia, da FEA - Faculdade de Educação e Artes, da UNIVAP - Universidade do Vale do Paraíba. Campos do Jordão/SP: Orientador: Professor. Anézio Cláudio Bernardes. Apresentação em Campos, do Jordão SP, em 2016.

DULCINEIA FERREIRA RODRIGUES

TATIANA CRISTINA DE SOUZA

A MAGIA DOS CONTOS DE FADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE 3 A 5 ANOS

**UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA - UNIVAP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E ARTES - FEA
CURSO DE PEDAGOGIA**

BANCA AVALIADORA

Professor (a):- _____

Assinatura:- _____

Professor(a):- _____

Assinatura:- _____

Professor(a):- _____

Assinatura:- _____

Resultado: ____, __ (_____)

Campos do Jordão, ____ de _____ de 2016

Dedicamos este trabalho às nossas famílias e a Deus pelo dom da vida e por nos fazer sentir que o educador tem sempre que ter dentro de si a magia de aprender com os alunos e nessa troca de experiências modificar vidas e sermos coautoras dos sonhos realizados.

AGRADECIMENTOS

Eu Dulcineia, sou imensamente grata a Deus por ter me presenteado com a faculdade, que em muitos momentos parecia um sonho impossível.

Agradeço a Deus também, por ter me cercado de toda proteção durante minha caminhada.

Aos amores da minha vida, meu marido Rogério por ter permanecido ao meu lado em todos os momentos, com amor e compreensão. Ao meu precioso filho João Paulo, minha maior inspiração, que ainda tão pequeno foi meu grande incentivador com seu carinho e com seus amuletos da sorte.

Aos meus pais Amadeu e Maria das Graças, aos meus irmãos e toda minha querida família que, mesmo distantes, porém ligados por suas boas energias.

Ao meu orientador Professor Me. Anézio Cláudio Bernardes pelo carinho e dedicação.

A todos os professores que contribuíram para minha formação, em especial à Professora Me. Renata Meneghini, por sua generosidade.

A essa faculdade, direção e administração por todo apoio e companheirismo.

Aos meus amigos, pela amizade sincera, por tudo que fizeram por mim, cada um a seu modo, em especial a Rosana e Marília deixo os meus eternos agradecimentos.

Eu Tatiana, agradeço a Deus por ter me dado saúde e força para superar todos os obstáculos durante esse processo educacional.

Ao meu pai Sebastião, a minha tia Maria Helena e aos meus filhos Luis Gustavo e Lucas Gabriel.

As minhas companheiras de trabalho Maria Creusa, Márcia, Joana e Andréia que tanto me apoiaram.

A esta universidade, seu corpo docente, administração e direção.

Ao meu orientador Anézio Cláudio Bernardes Professor Me. pela orientação e incentivo.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, meu muito obrigado.

Aos professores, principalmente à Professora Me. Renata Meneghini.

Ser criança é usar o imaginário para entender o real.

Ser adulto é se reportar à infância para não perder a alegria de viver mesmo que haja pedras no caminho:

É que pedras podem ser usadas para novos caminhos.

(Yolanda Daffé)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo averiguar como a ludicidade da criança e sua imaginação são fatores primordiais em seu processo cognitivo, emocional e, conseqüentemente, em sua criticidade e cidadania. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujo referencial teórico partiu dos Referenciais Curriculares nacionais da educação infantil – RCNEI e dos pressupostos teóricos de Bettelheim (1978-2002), Coelho (2000), Abramovich (2006), e Zilberman (2012), dentre outros. Os dados apontam que se os contos de fadas forem trabalhados, de forma proficiente no processo ensino aprendizagem, na Educação Infantil, esse processo torna-se lúdico, prazeroso e, conseqüentemente, proporcionará à criança desse segmento educacional momentos de pura magia.

Palavras-chave: contos de fadas, criança, educação, magia, cidadania.

ABSTRACT

This research aims to find out how the child's playfulness and imagination are key factors in their cognitive, emotional process and consequently in their criticality and citizenship. This is a bibliographical research, whose theoretical framework came from the national Curriculum Benchmarks of early childhood education - RCNEI and theoretical assumptions of Bettelheim (1978-2002), Rabbit (2000), Abramovich (2006), and Zilberman (2012), among others. The data indicate that fairy tales are worked to proficiently in the learning process, in kindergarten, this process becomes playful, pleasurable and thus provide the children of this educational segment moments of pure magic.

Keywords: fairy tales, children, education, magic, citizenship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – A EDUCAÇÃO INFANTIL	
1.1 – A Educação Infantil em sua trajetória histórica.....	13
1.2 - A função da mediação do adulto e a influência no interesse da criança pela leitura	15
1.3 - Expectativas de aprendizagem na educação infantil.....	18
1.4 - Histórico e importância da literatura infantil nesse segmento educacional.....	22
CAPÍTULO II – CONTOS DE FADAS	
2.1 – A importância dos contos de fadas no processo de cognição da criança.....	25
2.2 – A instituição de pequenos leitores e escritores a partir dos contos de fadas.....	26
2.3 – A análise dos contos de fadas, segundo Bettelheim	29
2.4 - Trabalhando com contos de fadas	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

Introdução

Ao adotar o tema *A magia dos contos de fadas na educação Infantil, de 3 a 5 anos*, o objetivo foi averiguar como a ludicidade da criança e sua imaginação são fatores primordiais em seu processo cognitivo, emocional e, conseqüentemente, em sua criticidade e cidadania.

Ao utilizar o imaginário, a criança se reporta a situações já vividas, como: o bem e o mal; e a amizade e o companheirismo.

Essas noções éticas e morais (consideradas nas fábulas e nos contos de fadas) podem favorecer que, de forma contínua, a criança, por meio do imaginário, traduza situações vividas em seu cotidiano.

Na fase de 3 a 5 anos, tudo o que acontece ao redor da criança é significativo; assim, contar histórias, propor a ela situações em que, por intermédio das imagens, ela possa verificar a inter-relação entre o mundo real que a cerca e nomear essa realidade.

É característico, dessa fase, serem mais sugestivas às imagens; o que faz com que o imaginário seja incentivado: manipular livros, observar o seu conteúdo e ter contato com a história são princípios que podem fazer com que a criança tenha, além do contato com o livro, gosto pelas histórias nele inseridas.

Nesse contexto, a mediação do adulto é primordial para que os contos de fadas tenham significado para a criança. Para Bettelheim (2002), o adulto é o tutor dos conceitos éticos e morais aprendidos na relação entre a criança e o meio em que vive. Se esse meio pressupõe situações que possam fazer com que a criança construa conceitos e os avalie, assim a sua criticidade e autonomia vão, gradativamente, firmando-se: o que significa sua liberdade no pensar.

Essa liberdade de pensar e de expressar é um dos princípios da educação na visão de Kant (1996), sendo, também, o fundamento da cidadania na sociedade. Fundamento este que deve ser trabalhado desde a infância. Partindo desse pressuposto (cidadania), deu-se a escolha do tema.

Este trabalho apresenta a seguinte estrutura: Introdução; Capítulo um: *A educação infantil*; Capítulo dois, *Os contos de fadas*; e as *Considerações finais*.

A hipótese construída para a realização desta pesquisa é que, se os contos de fadas forem trabalhados, de forma proficiente no processo ensino aprendizagem, na Educação Infantil, esse processo torna-se lúdico, prazeroso e, conseqüentemente, proporcionará à criança desse segmento educacional momentos de pura magia.

Para o desenvolvimento deste trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica em Campos do Jordão, nos acervos das bibliotecas municipal e da UNIVAP- Universidade do Vale do Paraíba.

O embasamento teórico, para a realização desta pesquisa, foi construído a partir dos Referenciais Curriculares nacionais da educação infantil – RCNEI e dos pressupostos teóricos de Bettelheim (1978-2002), Coelho (2000), Abramovich (2006), e Zilberman (2012), dentre outros.

Capítulo I

A educação infantil

1.1. A Educação Infantil em sua trajetória histórica

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, RCNEI, a educação infantil deve ser considerada como um processo em que a criança possa crescer cognitivamente, psicologicamente e socialmente (BRASIL, 1998), porém essa concepção atual teve um longo processo para se compreender como é o universo infantil.

Conforme Colomer (2011), na Idade Média, as crianças eram vistas como adulto em miniatura, o que sugere uma não aceitação dos gostos e desejos e visão da realidade em cada faixa etária.

Gradativamente, a visão a respeito do universo infantil foi modificando: não como um “adulto pequeno”, mas como um pequeno indivíduo com condições de crescer e ampliar seus conhecimentos; tanto que se optou por uma legislação no Brasil que tem como prioridade não só o reconhecimento das fases da criança e também seus direitos; o que é exposto no Referencial Curricular para a Educação Infantil (1998, pp. 13-14); nos seguintes aspectos:

- O respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc;
- O direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil;
- O acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética;
- A socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais sem discriminação de espécie alguma;
- O atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. (BRASIL, 1998, pp.13-14).

Considerando-se, também, as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas das crianças de 0 a 6 anos. Assim, pela Constituição (1998), acrescenta como direito à creche/pré-escola como um direito; sendo o mesmo gratuito. Em 1994, a Política Nacional da Educação e Cultura avaliou e apresentou a Política Nacional da Educação Infantil; tendo como foro a expansão de vagas destinadas a essa faixa etária; bem como à qualificação de profissionais.

O que significa que o atendimento a esse segmento educacional (ed. infantil) deve ter por base a compreensão do universo infantil e um processo pedagógico a ele destinado. Ainda, com esse intuito, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases, 1996), em seu artigo 62, verificou a necessidade de formação do profissional para atuar em creches e nos anos iniciais. O que tem como respaldo a verificação do universo infantil, sua ludicidade e como trabalhar tais preceitos, com intuito de que a criança, gradativamente, reconheça a si mesma e possa adquirir conceitos básicos pedagógicos e, também, socializar-se. (Lei de Diretrizes e Bases, 1996).

Embora o respaldo legal seja um avanço ao que se refere à Educação Infantil, a capacitação dos educadores e seu conhecimento de cada faixa etária é também primordial, visto que, é por meio da interação professor/aluno que o processo pedagógico torna-se mais substancial e significativo.

A necessidade de interação entre o educador e aprendiz foi pouco a pouco ganhando ênfase na história da educação, principalmente nos anos iniciais; nesse aspecto, pode-se verificar que educar nos anos iniciais teve um sentido mais amplo: a criança como um todo.

Nota-se assim que, a visão da criança como um todo trouxe a consciência da importância da educação infantil focar-se na integração do cuidar e do educar. Considerando que a qualidade de ensino deve ter na infância (além dos conteúdos pedagógicos) considerar também o processo de sociabilidade da criança; dando a ela condições de desenvolver sua autonomia e sua identidade, por meio de aprendizagens pedagógicas diversificadas e em situações onde a sua cultura (o seu conhecimento prévio) seja valorizado (BRASIL, 1998).

O documento acima aponta a mediação do adulto para o processo cognitivo amplo. Neste contexto, a Educação Infantil por meio de atividades pedagógicas intencionais, aprendizagens orientadas e tendo como foco a ludicidade dessa faixa etária possa promover o desenvolvimento do aluno como um todo: tendo como foco a diversidade e interesses de cada um, promovendo um educar focado no discente e não somente nos conteúdos.

Ao avaliar como a História da Educação infantil amplificou o conhecimento do universo da criança, esse trabalho propõe-se a trabalhar na faixa etária de 3 a 5 anos. O documento sobre Educação Infantil propõe a integração do cuidar e o educar, intrinsecamente ligados ao desenvolvimento das capacidades de relação interpessoal, das potencialidades tanto corporais, como afetivas, emocionais e éticas: o que pode tornar o aprender prazeroso e motivador, com crianças saudáveis e felizes em aprender (BRASIL, 1998).

Para Oliveira (2011), a compreensão do universo infantil substancializa a ação do educador, sendo que, nas fases iniciais, o imaginário e o lúdico são formas de observar o mundo à sua volta e reportá-lo ao seu próprio universo: como se fosse uma imitação do real, transferindo, até mesmo, imitações presenciadas e atitudes do convívio familiar ou grupal de forma lúdica.

Nesse aspecto, torna-se relevante acrescentar que a criança observa o mundo à sua volta e o exterioriza de várias maneiras: a criança se espelha no que vê e expõe o que sente em suas atitudes e formas de pensamento.

Embora nas séries iniciais o pensamento da criança não seja ainda crítico, ela acumula uma série de experiências diárias que fazem com que, por meio dessas experiências, a sua personalidade seja, gradativamente, construída. (BEE, 1997).

Essa construção passa primeiro pela família e, posteriormente, por outros grupos; chegando à escola, discorre daí a necessidade de reconhecer a criança em sua individualidade como um elemento único e capaz de desenvolver suas potencialidades e habilidades.

A característica maior da criança é, portanto, a ludicidade: em seu imaginário gatos falam, fadas existem, nesses contos, pouco a pouco, vão compreendendo a noção do bem e do mal, do certo e do errado e da importância de conviver com as diferenças. (BEE, 1997).

O histórico da educação infantil pode ser visualizado como um progresso, ao se considerar que a criança atualmente é o foco de seu próprio processo educativo, o centro de sua própria cognição: não mais sendo vista como um papel a ser “rabiscado”, mas sim um livro a ser lido dia a dia, pouco a pouco. (BEE, 1997).

1.2. A função da mediação do adulto e a influência no interesse da criança pela literatura

Considera-se que o adulto é para a criança um espelho e suas atitudes um exemplo a ser seguido e mesmo imitado pelas crianças. O faz de conta da criança expõe, em muitos casos, o que ela percebe em sua volta, no meio em que vive.

Em relação à criança com o meio, é bastante significativo segundo Piaget (1976), o que caracteriza o meio tem influência direta na evolução do indivíduo, tanto no aspecto cognitivo, social como no emocional.

Já, Vygotsky (1994) argumenta que a transformação do ser humano em ser biológico para ser sociocultural, se faz por meio da interação que ele estabelece com seu meio de cultura. Assim, as funções mentais elementares gradativamente vão se transformando em funções mentais superiores, que são processos psicológicos usados de maneira intencional pelo indivíduo para desenvolver-se, sendo assim, pelo socioconstrutivismo. Para Vygotsky (1994, p. 75):

O desenvolvimento é um processo de internalização dos modos de pensar e agir de determinada cultura. Esse processo inicia-se nas relações sociais. Por meio da linguagem, das ações do cotidiano, das brincadeiras os adultos e as crianças mais velhas compartilham com as crianças pequenas seu modo de agir e de pensar. Ao longo do desenvolvimento todo este modo de ser e agir que reflete a cultura do grupo vai sendo internalizado: Lei do duplo desenvolvimento, segundo a qual todas as funções do desenvolvimento das crianças aparecem duas vezes: Primeiro no nível social e depois no nível individual: Primeiro entre as pessoas (Interpsicológico) e depois no interior da criança (intrapicológico). (VYGOTSKY, 1994, P. 75).

Vê-se, assim, que a convivência da criança com outras pessoas e suas experiências representa um forte impulso em sua evolução, assim como na construção de sua própria personalidade.

Já, no que se refere à influência do adulto, em se tratando da literatura infantil, Abramovich (2006), salienta que as histórias para crianças revelam a elas um novo mundo, mexendo com seu imaginário e emoções. Desperta, também, a sua criticidade e dá a ela oportunidades de refletir sobre o contexto das histórias, as atitudes dos personagens.

Essa reflexão oportuniza, também, aos pequenos analisar o mundo de conflitos que se inserem frequentemente no mundo real, como, por exemplo: raiva, tristeza, alegria, saudade, amor e amizade. E muitos casos, dependendo do enredo da leitura escolhida, os contatos com princípios éticos e morais vão sendo visualizados pelas crianças e, de certa maneira, internalizados e comparados a situações cotidianas. (ABRAMOVICH, 2006).

Porém, a intervenção do adulto para que estabeleça contato com a literatura, vai além de o simples ler para a criança e de contar histórias a ela.

Coelho (2000) caracteriza princípios orientadores na escolha de livros, baseando-se no interesse e na faixa etária da criança. Sendo que, na primeira infância (dos 15,17 meses aos 3 anos), a criança inicia o reconhecimento da realidade que a rodeia de forma específica, por meio da afetividade e do tato; sendo também um período do início da conquista da própria linguagem, o que implica em nomear a realidade à sua volta.

O estímulo, nessa fase, é essencial, sendo que o adulto deve nomear os brinquedos, chocalhos, manipulando-os e criando situações que os relacionem, afetivamente, com a criança. Ilustrações, pano, plásticos e pano grosso podem influir e desenvolver a curiosidade da criança que, sendo natural, nesse período, pode fazer com que a criança passe a ter noção do espaço global em que vive.

Já, na segunda infância, Segundo Coelho (2000), começa a percepção da criança de si mesma: fase caracterizada pelo egocentrismo e pelo interesse pela comunicação verbal. Os livros indicados para essa fase devem ter um teor voltado para vivências familiares e certos requisitos, como: predomínio da imagem (sem texto ou texto); as imagens devem se referir a um acontecimento, um fato de fácil compreensão para a criança. (COELHO, 2000).

Quando já na fase de aprendizagem da leitura, há indícios de reconhecimento dos signos linguísticos, o adulto pode ser considerado um “agente estimulador”. A leitura adequada a essa fase deve conter algumas características, como: Texto com palavras de sílabas simples, sendo que os argumentos do texto devem estimular a imaginação, a emoção e a inteligência; e textos de fantasia e do mundo real podem ser alternados, dando a criança vazão por meio de heróis e de atos onde o forte vence o fraco de ética e moral. (COELHO, 2000).

Segundo o Referencial Curricular para a Educação Infantil (1998), essas fases iniciais de contato com a leitura com as histórias são fundamentais para o desenvolvimento global da criança, principalmente no seu processo cognitivo, de sua sociabilidade; o estímulo do adulto é fundamental para que a criança não somente ouça a história, mas aprenda a gostar de ler: interpretando o que foi lido de forma crítica, avaliando que a criticidade é um dos fundamentos para que o indivíduo possa vivenciar sua cidadania.

Nesse sentido, o adulto torna-se uma referência para a criança, tanto na sua compreensão de mundo quanto na superação de medos e inseguranças; o que pode ser visualizado nas relações da criança com a família e com escola. Considerando o ambiente escolar, pode-se dizer que o professor constrói uma relação com a criança e com o grupo. Cada ação do adulto para com uma criança gera certa reação em particular, embora tenha a presença e a influência de outras relações (familiares, amigos, etc). Ou seja, na convivência diária, o adulto pode ser uma pessoa que transmite segurança para a criança. Alguém capaz de parar para ouvi-la, valorizar suas perguntas, suas produções, seu potencial, que seja autêntico e respeite suas opiniões; um parceiro com o qual ela pode contar na busca do conhecimento de um mundo grande, novo e interessante com autonomia (SILVA E COSTA, 2005).

Assim, essa construção da autonomia, torna-se ainda mais relevante na educação infantil; ocasião em que a criança está se descobrindo, posteriormente avaliando o mundo e socializando-se com grupos diversos. Essa relação com grupos diversos pode fazer com que a criança em suas fases iniciais perceba a diversidade que a cerca e como se relacionar com ela.

Muitas vezes a criança se fecha, temendo alguma repreensão ou tem atitudes para chamar a atenção para si e por meio da construção da autonomia que há um conflito interior entre “estou certo ou errado naquilo que estou fazendo, sou admitido ou não pelo grupo”. Dessa forma, surgem tanto questões como a timidez ou a agressividade da criança e trabalhar esses valores torna-se fundamental na educação infantil, valorizando o lúdico e atividades motivadoras (como os contos de fadas).

Direta ou indiretamente, a autonomia da criança está intrinsicamente ligada ao seu convívio com os adultos e com o meio ao qual pertence. (VIGOTSKY, 1989).

1.3. Expectativas de aprendizagem na educação infantil

A educação como um todo, visa garantir um ensino de qualidade, no qual o discente possa desenvolver suas habilidades e, conseqüentemente, durante a sua trajetória acadêmica, desenvolver sua criticidade, além de valores éticos e morais que possam respaldar a vivência da sua cidadania. (BRASIL, 2001).

Em relação à educação infantil, pode-se considerar que essa fase é primordial, como alicerce para que a criança comece a desenvolver-se cognitivamente, socialmente e emocionalmente. Nesse período, o universo novo ao qual o pequeno aprendiz está inserido, deve ser para ele um ambiente seguro e motivador; já que a criança se vê privada do ambiente familiar, tendo que dividir atenções com outras e, assim, gradativamente, aprender regras e convivência grupal. (BRASIL, 2001).

Entre 3, 4 e 5 anos, a criança explora o mundo à sua volta, tendo na ludicidade um paralelo de reconhecimento do que a cerca.

Assim, o adulto torna-se referência, a junção entre as experiências e observações feitas pela criança: decorrendo daí a necessidade de uma educação infantil que possa preservar as características de cada faixa etária, respeitando o ritmo de cada discente e com um planejamento pedagógico que seja motivador e interessante para a criança em um ambiente onde ela se sinta respeitada e cuidada; ao mesmo tempo em que adquire novos conhecimentos e contatos sociais conforme os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. (BRASIL,1998).

Nesse período educacional, deve-se promover a integração entre os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança; tendo consciência de que esta é um ser completo e indivisível. Assim, o cuidar e o educar são aspectos fundamentais que norteiam o trabalho das instituições educacionais.

O cuidado em si refere-se, à priori, às necessidades das crianças que, quando consideradas, podem dar pistas importantes sobre a qualidade de ensino prestado; sendo também a promoção da saúde, um aspecto fundamental ao ato de cuidar. Nesse contexto, cabe ao educador e outros profissionais que atuam dentro de uma instituição infantil, observar se a criança (dentro de sua faixa etária) não apresenta alguma defasagem biológica (fora do peso, por exemplo), emocional (irritabilidade; agressividade) ou cognitiva.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, RCNEI (1998) esse observar é imprescindível para o desenvolvimento da criança; pois, por meio dele, pode buscar alternativas que possam minimizar os aspectos negativos visualizados. Sendo que a análise do desenvolvimento da criança dentro do processo de cuidar torna-se importante para aproximar família e escola e evidencia a importância da interação entre aqueles que fazem parte da vida e do desenvolvimento da criança.

Nesse contexto, o cuidar da criança vai além de suas horas na instituição e referindo-se, também, a avaliação da criança como um todo. (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. (BRASIL,1998).

Conforme os PCNs, Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), o espaço físico da instituição é, também, de suma importância para o desenvolvimento e bem estar da criança. Reconhece-se, assim, que a organização do espaço físico é primordial para que haja condições de interação entre os discentes e segurança em suas atividades extraclasse.

Já, ao que se refere à sala de aula, a sua organização interfere diretamente no comportamento da criança, principalmente das pequenas: a motivação e o interesse da criança devem ser focados em um ambiente em que ela sinta-se confortável e capaz de centrar a sua atenção ao que lhe é apresentado pelo educador.

A falta de atenção é, muitas vezes, considerada como indisciplina, porém, nas séries iniciais, o comportamento da criança é, frequentemente, representado por inquietação e tendência a desfocar sua atenção quando as atividades não lhe interessam: daí a necessidade de um trabalho pedagógico que estimule a criança a interagir com o conteúdo de forma que tal atividade para ela seja motivadora.

Assim, a criatividade do educador torna-se um ponto crucial na cognição da criança e no seu desenvolvimento global. (Referencial Nacional Curricular para a Educação Infantil, (RCNEI, 1998).

Dessa forma, a educação infantil tem grande relevância para a construção da identidade da criança. Segundo os RCNEI (1998), é importante (em relação à educação infantil), saber o que é estável e o que é circunstancial, conhecer as suas características e as suas potencialidades, reconhecer seus limites, sendo este fator essencial para o desenvolvimento da identidade e para a conquista da autonomia dos discentes.

Autonomia que, como aponta Zilberman (2012), é fundamental para a construção da personalidade da criança mediante a sua percepção da realidade e interação com os seus pares, o que pode ser assim avaliado, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais; referentes ao crescimento da criança, à sua autonomia e personalidade.

Segundo os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais, 2001, p. 94):

A autonomia refere-se à capacidade de posicionar-se, elaborar projetos pessoais e participar enunciativa e cooperativamente de projetos coletivos, ter discernimento, organizar-se em função de metas eleitas, governar-se, participar da gestão de ações coletivas, estabelecer critérios e eleger princípios éticos etc. Isto é, a autonomia fala de uma relação emancipada, íntegra com as diferentes dimensões da vida, o que envolve aspectos intelectuais, morais, afetivos e sociopolíticos. Ainda que na escola se destaque a autonomia na relação com o conhecimento – saber o que se quer saber, como fazer para buscar informações e possibilidades de desenvolvimento de tal conhecimento, manter uma postura crítica comparando diferentes visões e reservando para si o direito de conclusão. (BRASIL, 2001, p. 94).

O desenvolvimento das capacidades referentes a uma tarefa ou solução de um problema pode ser diversificado dependendo da situação e ponto de vista de cada indivíduo. Tanto que as hipóteses para a resolução de um problema variam na possibilidade de resolvê-lo tal processo começa na infância nas perguntas; o “porque” um período de construção do conhecimento de si e do seu ambiente imediato (a cada momento de descoberta); onde diferentes visões vão construindo o sentido do mundo ao redor da criança, dando direito ao seu questionamento e possíveis conclusões (individuais ou coletivas).

Avaliando todo esse processo de ser e questionar, levantar hipóteses e verificá-las se são reais ou não; são considerações que influem na construção da autonomia. Em resumo, entender a si mesmo, questionar, colocar-se no lugar do outro são princípios que devem ser trabalhados ludicamente nas séries iniciais para que as crianças se tornem autônomas tanto no cuidado com elas próprias (banho, lavar as mãos...), quanto a verificar que sua opinião é válida e seus questionamentos podem ser respondidos a cada nova dúvida. (BRASIL, 2001).

Sendo assim, pode-se inferir que o desenvolvimento da autonomia necessita de apoios materiais, intelectuais e emocionais. No início da escolaridade, a mediação docente há de ser mais intensa. Conforme os PCNs (2001, p. 95):

Também é preciso considerar tanto o trabalho individual como o coletivo – cooperativo. O indivíduo é potencializado pelas exigências feitas aos alunos para se responsabilizarem por suas ações, suas ideias, suas tarefas, pela organização pessoal e coletiva, pelo envolvimento com o objetivo de estudo. O trabalho em grupo, ao valorizar a interação como um instrumento de desenvolvimento pessoal, exige que os alunos considerem diferenças individuais, tragam contribuições, respeitem as regras estabelecidas, proponham outras, atitudes que propiciam o desenvolvimento da autonomia na dimensão grupal. (BRASIL, 2001, p. 95).

A autonomia de uma forma global é avaliada como um estágio psicológico geral que envolve conhecimentos e especificidades em áreas diversas do conhecimento. Sendo assim a autonomia está interligada a processos interpessoais (de poder ou autoridade); de modo que cabe a instituição de educação e ao educador verificar os procedimentos adequados, seja parte da conquista do aluno em todo seu processo pedagógico. (BRASIL, 2001).

Tanto que para Zilberman (2012), a autonomia é um processo paralelo à personalidade da criança; é por meio da autonomia que o indivíduo tem seus conceitos “de quem eu sou e o que quero”.

Nas fases iniciais, é comum o egocentrismo e mediante isto, a criança fica com conceitos de que tudo ela pode. Ao entrar na escola, outro mundo lhe é apresentado, onde regras existem e onde a sociabilidade acontece: já não é mais a mãe falando “seu irmão é menor, então concorde com o que ele faz”.

Ao entrar numa creche e nas séries iniciais, já não há uma mãe protegendo, todos são iguais. Pela própria característica da idade o “chamar a atenção” torna-se um meio que a criança tem de chamar a atenção para si: daí a necessidade de utilizar meios pedagógicos que façam com que o discente comece a observar que ele não é o centro do universo.

É assim que o universo infantil, por meio dos contos de fada, pode minimizar conflitos exteriores e interiores em relação ao processo cognitivo da criança. Assim, cabe ao educador explorar, por intermédio da ludicidade da criança, aspectos éticos e moral que podem influir na construção da sua personalidade. Também, pode ser trabalhados, na literatura infantil, aspectos pedagógicos como o reconhecimento e análise de situações corriqueiras no dia comum da criança: o reconhecimento por intermédio dos contos, de situações reais, propicia à criança uma análise global daquilo que ela vê em seu cotidiano.

Segundo Góes (1991), a literatura deve expor a emoção e a criticidade da criança, e, por meio dela, seu lado lúdico, emocional. O professor deve usar a literatura para despertar a emoção da criança, visto que é por meio da sensibilidade que a criança reconhece seu mundo e como participar dele por meio de imagens e imaginação. A imaginação é o primeiro meio que a criança tem por referência: sonhar é o princípio para aprender.

1.4. Histórico e importância da literatura infantil nesse segmento educacional

A literatura infantil, desde os contos de Grimm (material oral com caráter popular), tem como foco a criação imaginativa proveniente da cultura presenciada. Para Abramovich (2006), significa que: os contos de Grimm fundamentam-se na ética e moral; valorizando o lúdico e o social da criança; entendendo o social como a sua visão em família e seu meio ambiente: experiências por elas vividas a serem avaliadas. A criança, em todas as suas fases (a priori nas fases iniciais), tem tendência a avaliar sua realidade imediata em função de sua vivência diária. Ela pode, por meio de histórias, decodificar seus anseios e sonhos por intermédio de seu meio grupal.

Reportar ao histórico da literatura infantil pode-se avaliar que, desde os contos de Grimm (ABRAMOVICH, 2006), há uma tendência para que o adulto imponha ou não suas regras, tendo por meio a ludicidade da criança; o que quer dizer intimidá-la ou estimulá-la por meio de reações e atitudes.

O histórico da educação infantil tem como contexto fazer com que a criança avalie o seu ser no mundo em vários períodos da escola, a exemplo da história; o que, segundo Colomer (2003, p. 59) pode ser assim sintetizado:

A literatura infantil e juvenil, no seu percurso histórico se define em função do seu destinatário e responde e aos propósitos sociais, que lhe foram atribuídos em cada momento histórico. Dessa forma, para caracterizar a literatura infantil é preciso antes delimitar o processo de mudança, através do qual esta literatura se adapta a seus destinatários e às variações das funções que se lhe atribuem em cada período histórico. (COLOMER, 2003, p. 59).

Para que se compreenda a literatura infantil e seu processo, é imprescindível delimitar as mudanças ocorridas tanto no processo pedagógico quanto histórico. Evolutivamente, desde os contos de Grimm até os momentos atuais, a história da educação infantil passou por vários processos: tanto pedagógico quanto na análise de que esse período é fundamental na posterioridade cognitiva da criança sendo que:

É na infância que se identifica qualquer déficit emocional ou psicológico em que pode ser trabalhado em sala ludicamente: com histórias, brincadeiras e observando o lado emocional da criança, já que há uma diversidade em cada sala, família e comunidade.

Observando essa diversidade, gradativamente a história da educação infantil foi tendo mais ênfase e conceitos no legislativo; tanto que a educação infantil só foi incorporada na Legislação Brasileira como dever do Estado, atendimento a crianças de 0 a 6 anos no ano de 1998. (BRASIL, 2009).

Foi somente nesse período que se viu que a educação, para ser íntegra e produtiva, se começa nas fases iniciais, onde trabalhar a imaginação da criança, desenvolver sua personalidade e autonomia são conceitos pedagógicos que têm nas histórias um caráter lúdico, ético e moral. (ABRAMOVICH, 2006).

Pode-se considerar que o processo histórico da Educação Infantil gradativamente deixou de ver a criança como um ser a ser moldado segundo as regras sociais; dando mais ênfase aos seus interesses e a ludicidade, característica da criança. Também os conteúdos pedagógicos foram tendo como foco o interesse infantil e por meio desta constatação adaptar as atividades pedagógicas e conceitos éticos e morais a serem assimilados pelos discentes.

A noção social da educação integrou a escola e a família de forma a fazer dos centros de educação infantil um ambiente físico e humano com propósitos pedagógicos que enfatizem os bens culturais e a diversidade (fator primordial para uma educação de qualidade) e uma vida mais justa, de igualdade e democrática. (BRASIL, 1998).

A essência dos contos de fada iconiza preceitos subentendidos de moral e ética; traduzidos em “seres imaginários fantásticos” que, por meio do lirismo, alternam o grotesco (previsto como a essência do que supostamente era errado mediante a cultura repassada de geração em geração) e o fantástico como personificação do bem. O exemplo da “Bela Adormecida”, resgatada por um príncipe e acolhida por anões que em sua singularidade, possuíam características específicas: soneca, dunga, zangado etc.

A estrutura dos contos de fada, segundo Góes (1991) é, em geral, crianças ou jovens em idade de casamento; apresentando características extremamente exageradas, como maneira de distinguirem seu comportamento e objetivos dentro da história.

É comum o bem e o mal estarem centrados nos contos como um foco de análise para o pequeno leitor.

Para Coelho (2000, p. 179), entre os valores de comportamento ou de ideais presentes nas narrativas maravilhosas, destacam-se:

- Predomínio dos valores humanistas; preocupação fundamental com a sobrevivência ou com as necessidades básicas do indivíduo: fome, sede, agasalho, descanso, estímulo à caridade, solidariedade, boa vontade, tolerância... Valorização da palavra dada que, em hipótese alguma, poderá ser quebrada.
- Oscilação entre uma ética maniqueísta (nítida separação entre o Bem e o Mal; Certo e Errado) e uma ética relativista (o que parecia mau acaba se revelando bom, o que parecia errado resulta em algo certo...). Mas quanto às ações, a regra é: prêmio para o Bem e castigo para o Mal.
- A esperteza/ astúcia inteligentes vencem a prepotência e a força bruta; inclusive através de atos que julgamos rigorosamente são desonestos, mas desculpados pela moral prática. (É ‘o caso das artimanhas do Gato de Botas para tornar o seu pobre amo um nobre senhor’). (COELHO, 2000, p.179).

Os conceitos da criança, como referenciados por Piaget (1976), Vygotsky (1989), Abramovich (2006), são, substancialmente, um fator para o crescimento emocional, psicológico e social do discente; especificamente, nas fases iniciais de alfabetização. Considera-se, assim, que os contos de fada priorizam a ética e a moral; fundamentos essenciais para a cidadania.

Capítulo II

Contos de fadas

2.1. A importância dos contos de fadas no processo de cognição da criança

Considerando a ludicidade da criança e sua relevância em seu desenvolvimento emocional, psicológico e social a literatura infantil tem grande importância na cognição da criança. (ZILBERMAN, 2012). Mas, para que a literatura seja significativa para a criança é necessário que o educador dê condições para que por intermédio de sua ludicidade, o discente sinta prazer em ouvir histórias, questionar as ações dos personagens e, por meio delas, desenvolver um pensamento crítico: assim a magia dos contos de fadas não se insere somente no contar e sim no sonhar (característica esta do mundo imaginário na infância).

Nas fases iniciais, é comum a inter-relação da criança com situações em que os personagens têm atitudes parecidas com aquelas que a criança presencia em seu dia a dia. No caso específico dos contos de fadas, existe sempre uma relação dos personagens com situações morais e éticas que prevalecem na sociedade: explorar esses valores torna viável a construção por parte da criança da criticidade.

O que, segundo Abramovich (2006, p. 143) refere-se à leitura e ao espírito crítico:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião. (ABRAMOVICH, 2006, p. 143).

A ludicidade da criança realmente pode fazer com que ela mude de opinião. Segundo Abramovich (2006); a criticidade começa, não com um esquema pedagógico já definido. Nem todas as crianças gostam da mesma história lida e nem sempre concordam com seu fim. As histórias se bem trabalhadas pedagogicamente formam critérios e gostos por determinados autores e gêneros literários, o que significa analisar, avaliar e desenvolver o preceito de subtrair de si mesmo as diferenças e ver as semelhanças em uma mesma história lida.

Para Kant (1996), a criticidade está vinculada à autonomia da criança; o questionamento em si faz com que o indivíduo interiorize aquilo que observa. Sendo que é por meio da observação que a criança avalia a realidade ao seu redor e situações emocionais que conflitantes ou não são essenciais para o seu desenvolvimento global.

Nas fases iniciais, a criança é observadora e tem no adulto sua referência; a criança é um ser histórico e que absorve à sua volta todo o contexto cultural, ético e moral. (KANT, 1996).

Nesse contexto, a educação infantil (enquanto no processo cognitivo) tem por objetivo verificar as habilidades e potencialidades da criança. Por meio do conto de fadas, o pequeno aprendiz pode avaliar a realidade imediata e seu contato mais intrínseco com situações que levam a questionamentos posteriores. (ABRAMOVICH, 2006).

O sociointeracionismo e o construtivismo avaliam que, na infância, por meio do reconhecimento do meio, a criança decodifica aquilo que lhe é interessante ou não; pouco a pouco compreendendo suas emoções e reações diante do mundo e no reconhecimento do que ela representa para si mesma e para o outro.

2.2. A instituição de pequenos leitores e escritores a partir dos Contos de Fadas

Considera-se que o lúdico representa para a criança um mundo paralelo, condizente com sua observação por meio de suas experiências prévias. A criança vai, pouco a pouco, assimilando o que vê e, por meio de sua imaginação, consegue reproduzir o que lhe é interessante: imitação da mãe em seus afazeres diários, imitação do pai em seu trabalho.

Porém, essa imitação relaciona-se muito com as emoções características da infância. Em algumas brincadeiras, a criança demonstra, em seu imaginário, aquilo presenciado em sua realidade; por exemplo, uma menina “brincando” pode ter as reações que a mãe tem dependendo de seu comportamento. (BEE, 1997).

Leitores podem se tornar escritores a partir do momento que se interessam pela leitura. No mundo atual, o contexto de contos de fadas não se refere somente ao ler, ouvir, mas, principalmente, no observar cada personagem, analisá-lo e fazer um intercâmbio entre o imaginário e a criticidade.

Sendo assim, a ludicidade da criança (quando incentivada) propõe a ela uma visão do real que a cerca; ao mesmo tempo em que essa visão do real (por meio de sua imaginação e criatividade) se transforma em olhares múltiplos da própria realidade. Cada indivíduo é único e, assim, sua visão do real é paralela às suas experiências anteriores (prévias).

Para Piaget (1976), e pelo sociointerativismo, o contato com todos os meios grupais faz com que a criança tenha possibilidades de, gradativamente, reconhecer a si mesma e ganhar autonomia. A autonomia, de acordo com Bee (1997), representa, em seu âmago, o princípio de conceitos da criança, indo, pouco a pouco, sendo a essência do “eu”; o “eu” diferenciado e, nesse construir do “eu”, forma-se a personalidade.

Porém, segundo Vygotsky (1994), a personalidade, além do meio de convívio primeiro da criança (familiar), passa pelo seu meio social (escola e amigos em seu convívio diário). O diálogo em família, o contar histórias, tocam, de forma significativa, o imaginário da criança: ela pode ser a fada em questão, a rainha, o príncipe ou outro personagem que queira.

Segundo Ostrower (2001) a cultura promove a existência social e individual de toda pessoa; sua subjetividade de certa forma explora o mundo a sua volta em função de entendê-lo e esse explorar é mais característico na infância onde a ludicidade influi em sua cognição; criando leitores e pelo imaginário escritores capazes de contar a mesma história de formas diferentes; para decodificar o real.

A atividade lúdica por proporcionar contato com o simbólico tende a fazer com que a criança faça representações de suas vivências em seu brincar, em seu fazer de conta. Amarilha (1997). Neste contexto, onde o imaginário e o real estão paralelos é viável averiguar como as histórias são fontes não só de cognição da criança, mas uma forma com que ela exterioriza o que sente e o que vê; tanto que para Amarilha (1997, p. 55):

Brincar de bombeiro, de motorista de caminhão são atividades elaboradas no imaginário, mas plenamente possíveis de serem realizadas. Imaginar-se indo a um baile trajando rico vestido como ocorre com a Cinderela pode ser remotamente realizável, mas preparar-se ansiosamente para um encontro afetivo é plenamente possível. É nessa brincadeira, nessa atividade lúdica que a literatura proporciona à infância um ensaio geral. (AMARILHA, 1997, p. 55).

Esse jogo de entrar na ficção orienta a criança nos seus procedimentos de ajustamento intelectual para lidar comparativamente com fatos reais e fatos imaginados. Essa habilidade de transitar por dois mundos - que o lúdico proporciona - introduz a criança no conhecimento dos limites das coisas acontecidas e das inventadas. Colabora para que ela desenvolva o discernimento entre o real e o fictício.

Sendo assim a literatura paraleliza o real e o imaginário; fornecendo também subsídios para a compreensão da linguagem escrita. Visto que a palavra é o elemento fundamental da literatura; é por meio dos códigos escritos que a imaginação se intensifica. Ao se ler “peteca” o imaginário se reporta ao objeto dando sentido aquilo que está lendo; o que ocorre por abstração: quando a mente associa o objeto a seus signos e códigos; dando sentido aquilo que foi lido. Por outro lado a narrativa possibilita ao leitor ou ouvinte se reportar à história lida; como se estivesse dentro do enredo, vivendo outras vidas.

Desta forma quando a criança (a priori) ou leitor vive dramas pela história; ela torna-se parte de um jogo simbólico de ser (ou ter maior empatia) com determinados personagens; sem deixar de ser leitor. A abstração simbólica (em seus dois níveis: a palavra enquanto produto da linguagem e a identificação com os personagens) são alicerces pedagógico de suma importância para o crescimento do indivíduo. Visto que a sociedade é estruturada em códigos, em análises sendo um processo onde aquilo que se lê ou ouve deve ser decodificado.

A sociedade em si é simbólica, com informações que devem ser por meio da abstração a, todo momento compreendidas e analisadas. (AMARILHA, 1997).

Com esse conceito, a criança começa a “literar” e libertar os seus pensamentos; o que, em se tratando do processo cognitivo, significa “ser ela mesma”; criar e observar, por meio da literatura, o mundo real.

O real e o imaginário se fundem no processo de conhecimento da criança. De forma que a literatura se torna uma ponte para que os pequenos leitores possam interrogar a si mesmos e ao mundo que os rodeia, ao ponto que suas aspirações e sua própria autonomia possam levá-los a criticidade. Coelho (2012).

A leitura é um dos princípios para a criticidade; o que segundo a autora acima citada, significa que: criar leitores pode gerar pequenos escritores e pensadores no futuro.

A imaginação é o ápice de toda criação (COELHO, 2000) sendo que o lúdico da criança é o princípio de sua personalidade e referenciando em sua cognição um processo em que o imaginário e o real podem construir aquilo que a criança avalia em seu interior.

Desta maneira a cognição da criança (considerando a literatura) se efetiva quando o seu interesse em ler o transforma em um indivíduo apto a criar histórias e gostar de ouvi-las. Fazendo assim com que o imaginário da criança vinculado à realidade, possa dar a ela uma visão de mundo que em síntese propicie sua autonomia e liberdade de expressão; fatores essenciais para a vivência de sua cidadania. (Zilberman, 2012).

Escritores e leitores estão relacionados ao ato pedagógico; ao incentivo em ler e recriar histórias: com outros personagens, características e emoções próprias no enredo construído.

2.3. Análises de contos de fadas, segundo Bettelheim

Nos campos da sociologia da psicanálise, os anseios humanos e a análise do próprio cotidiano criaram um universo onde a literatura infantil tem um caráter histórico moral e ético em relação à criança: para Piaget e Vygotsky, o meio em que a criança vive fundamenta o seu “ser” emocional, psicológico e, também, a construção de sua autonomia e personalidade.

Bettelheim (1978, p. 13) aponta que:

No conjunto da literatura infantil – com raras exceções - nada é tão enriquecedor e satisfatório para a criança, como para o adulto, do que o conto de fadas folclórico [...] através deles pode-se aprender mais sobre os problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de história dentro de uma compreensão infantil. Como a criança em cada momento de sua vida está exposta à sociedade em que vive, certamente aprenderá a enfrentar as condições que lhe são próprias.

Ainda, segundo o autor, essas condições, por intermédio das quais a criança tenta compreender a sociedade em que vive suas emoções e conflitos são definidas como um processo em que ela exterioriza os seus sentimentos, considerando a ludicidade no período inicial de ensino; os contos de fadas são fundamentais no processo de compreensão da ética e da moral da criança.

Nas fases iniciais, principalmente quando a criança ingressa na escola, outros valores são para ela expostos: o brincar com a criança, o avaliar sua ludicidade, o teorizar como, por meio de contos e histórias, ela pode compreender o mundo em que vive, pode adaptar-se nele, ter sua própria autonomia e condições de socializar-se.

Para Bettelheim (2002), a compreensão da criança é paralela à sua ludicidade; o que pode fazer com que o entendimento do aprendiz esteja ligado a uma fase nostálgica, em que o mundo é simplesmente mágico: ela pode ser um super-herói ou um vilão da história e compreender quais dos dois processos serão melhores em sua vida.

Para que haja uma interação entre a criança e a literatura, é imprescindível verificar que essa seja estimulante para ela e ter um conteúdo pedagógico que possa fazer com que, por intermédio da análise pessoal, haja uma reflexão por parte da criança da história lida.

Esses preceitos são assim analisados por Bettelheim:

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, p. 05, 2002).

Ainda, segundo esse autor, a complexidade do mundo e as variedades de emoções por ela vividas nos vários grupos sociais são como se fossem um turbilhão interno de sentimentos que canalizam para a criança interiorizar e exteriorizar aquilo que ela sente.

Essas emoções pelo modelo psicanalítico da personalidade humana (considerando os contos de fadas e a ludicidade da criança) transmitem mensagens à mente consciente, pré-consciente e inconsciente. Dando condições para que haja uma interligação entre o que foi lido, ouvido é, portanto refletido.

As histórias infantis encorajam o desenvolvimento do ego em construção e paralelamente aliviam pressões conscientes e inconscientes. Enquanto as histórias criam enredos dão condições para que o id possa interagir com o ego e superego; em outras palavras para o refletir da criança diante de suas emoções. (BETTELHEIN, 2002).

O que implica que a criança não tem somente crescimento físico e biológico; é por meio do seu emocional que ela compreende a si mesma e as coisas que ocorrem a sua volta. E o que está em volta das crianças? A morte, a vida, os sonhos e a necessidade em específico de ter uma identidade própria: sendo assim, os contos de fadas fazem com que a criança se confronte com os procedimentos humanos básicos:

Por exemplo, muitas histórias de fadas começam com a morte da mãe ou do pai; nestes contos a morte do progenitor cria os problemas mais angustiantes, como isto (ou o medo disto) ocorre na vida real. Outras estórias falam sobre um progenitor idoso que decide que é tempo da nova geração assumir. Mas antes que isto possa ocorrer o sucessor tem que provar-se capaz e valoroso.
(BETTELHEIM, p. 07, 2002).

O dilema colocado pelos contos de fadas pressupõe um trabalho pedagógico com a criança, avaliando sua personalidade e características individuais; salientando, também, o ambiente em que ela está inserida e quais os valores assimilados por ela. A criança, no seu período entre 3, 4 e 5 anos, é egocentrista. “A criança necessita entender o que está passando dentro do seu eu inconsciente, o que a reporta para as fantasias conscientes, dessa maneira os contos de fadas são devaneios ao qual a criança passa a entender o mundo a sua volta”. (BETTELHEIM, 2002).

Ao analisar os contos de fadas, pode-se dizer que são ambivalentes (como todo ser humano, na realidade concreta) o que pressupõe um crescimento diário da criança e sua atuação sobre o mundo.

Tanto que: à medida que a criança se diverte com o conto de fadas; aplicando todo o potencial de seu imaginário; ela também desenvolve sua personalidade enquanto as histórias lidas favorecem a análise da criança do mundo ao seu redor; de forma lúdica e prazerosa: os livros infantis contribuem para que a criança cresça em seu próprio ritmo, sem impor a ela uma compreensão do mundo na visão do adulto e, portanto sem o teor imaginário próprio da infância. (BETTELHEIM, 2002).

Neste sentido os contos de fadas são obras de arte a serem exploradas em acréscimo ao seu significado psicológico (apresentar para a criança o enredo e como decodificá-lo) e a intenção da estória lida. Em um primeiro momento, os contos de fadas destinavam-se a “impor” conceitos morais e éticos vigentes em cada época para transmitir conceitos morais e éticos vistos na sociedade e valorizados na família. Os contos avaliados por Bettelheim (2002) caracterizam a influência social na educação infantil.

No conto João e Maria, há uma verificação da necessidade da criança em ter a companhia do adulto e não perder-se: para não sentir medo, insegurança. No conto em questão existem duas peculiaridades: a casa de biscoito de gengibre e a bruxa (representando o medo da criança; em não saber como agir e como voltar emocionalmente para uma segurança onde o adulto é seu alicerce de conhecimento).

Na infância (entre 4/5) anos o conto João e Maria exerce um impacto para os pequenos aprendizes. À medida que eles notam que a bruxa (medos e insegurança) pode ser vencida e eles podem se sentir seguros e voltar para casa (segurança mediante os adultos) o que indica o começo do entendimento entre o certo e o errado (acatar noções daquilo que pode prejudicá-los; como atravessar a rua sem olhar). É viável dizer também que contos como João e Maria tendem a utilizar a ludicidade como um preceito para que a criança conheça regras, limites e a importância de sociabilizar-se. (BETTELHEIM, 2002).

A criança observa no adulto uma fonte de conceitos bons ou ruins e ela interioriza esses conceitos de forma a codificá-los nos contos de fadas: a minha mãe é a rainha e o meu pai é mau ou vice versa; e, assim, a criança cria em seu imaginário um mundo surreal onde, a cada dia, ela é personagem, tentando compreender a realidade à sua volta.

Os contos de fadas, desde os irmãos Grimm, decodificaram como a criança pode compreender a si própria e aos valores que regem a própria sociedade: o sim e o não para a criança é muito difícil, sendo assim, os contos analisados na psicanálise podem ser por elas um meio de adquirir sua própria personalidade e avaliar atitudes corriqueiras; exemplo: “porque eu não posso isso ou aquilo”.

Gradativamente, a criança vai tendo um senso grupal e avaliando de acordo com sua faixa etária aquilo que é bom ou ruim “princípios da ética e da moral” (BETTELHEIM, 2002). Entre seus quatro e cinco anos, a criança tem no adulto seu foco e observa detalhes da vida diária para ser “parecido com o pai ou com a mãe”.

A vida diária em qualquer processo grupal para a criança tem um teor essencial para seu desenvolvimento. A análise da criança é diferente da do adulto. (BETTELHEIM, 2002).

Nesse contexto, todos os contos conhecidos têm ligações edípicas; sendo que:

De todos os contos conhecidos, 'A Bela e a Fera' é o que deixa mais claro para a criança que a ligação edípica com os pais é algo natural, desejável e tem consequências muito positivas, se durante o processo de amadurecimento for transferido do pai para o amado, e, por conseguinte se transformar. Nossas ligações edípicas longe de serem apenas fonte das nossas maiores dificuldades emocionais (quando não passam por um processo adequado durante o crescimento) são o solo onde cresce uma felicidade permanente se vivenciarmos uma evolução e uma resolução corretas destes sentimentos. (BETTELHEIM, p. 321, 2002).

Os contos de fadas aplicados pedagogicamente, segundo (BETTELHEIM, 2002), têm influência no desenvolvimento do indivíduo desde as séries iniciais até a sua fase de adolescência; porque cada criatura imaginária dos contos de fadas influi na percepção do real, no desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança: mesmo porque cada criatura (A Bela e a Fera, A Bela Adormecida) pressupõe uma personalidade diferente e um conflito interior diversificado que pode fazer com que as situações diárias possam ser vistas de formas diferenciadas, individualmente, independente de sua faixa etária.

Daí, a importância de trabalhar com os contos de fadas de forma ética e conceitos de moralidade para que a criança tenha uma visão do certo e do errado; considerando-se a individualidade de cada um e a diversidade em cada escola, avaliando a importância de que cada indivíduo, desde sua infância, tende a conviver com seus conceitos sociais, emocionais, éticos; verificando, também, na diversidade, que pode ser vista dentro de uma instituição escolar ou em família.

Atualmente, as propostas pedagógicas tendem a influir não só na cognição da criança, mas em ampliar suas possibilidades futuras como uma pessoa única, com suas habilidades e dificuldades; tanto que, para Bettelheim (1978, p.17):

Caracteriza a apresentação das polarizações de caráter que permite à criança compreender facilmente a diferença entre as duas, o que ela não poderia fazer tão prontamente se as figuras fossem retratadas com mais semelhança à vida, com todas as complexidades que caracterizam as pessoas reais. (BETTELHEIM, 1978, p. 17).

O imaginário da criança, como anteriormente citado, não traduz somente a ludicidade como também um comportamento em que objetos inanimados criam vida, animais podem falar, pensar e ter emoções como os da vida real. O real para a criança assemelha-se ao seu imaginário, tanto que, nos dizeres de Bettelheim. (1978, pp. 20-21):

Os contos de fadas são ímpares, não só como forma de literatura, mas como obras de arte integralmente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Como sucede com toda grande obra de arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diferente para a mesma pessoa em vários momentos de sua vida. A criança extrairá significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento.

É assim que a Psicanálise dos Contos de Fadas, para Bettelheim (1978), significa: compreender a criança em cada estágio do seu desenvolvimento, considerando, também, a sua individualidade, expectativas e conhecimentos prévios que vêm de sua relação com a família e com a escola.

2.4. Trabalhando com contos de fadas

O trabalhar pedagógico, principalmente em relação à educação infantil, tem um teor expansivo dado às necessidades de cada aluno, seus conhecimentos prévios e suas expectativas em relação àquilo que ele vai aprender e encontrar na escola. Pela teoria Piagetiana e pelo sociointerativismo, o meio ambiente em que a criança está inserida é relevante dentro do seu processo educacional porque é por meio da observação da diversidade que o educador pode planejar seus conteúdos pedagógicos. (LERNER, 2005).

Nesse contexto, aquilo que a criança lê não deve ser oco (sem sentido) e sim incentivar a sua imaginação e o seu intelecto. Nas fases iniciais, o lúdico é imprescindível para que a criança observe dentro de um mundo mágico (conto de fadas) o reflexo do mundo real. O que deve conduzir a criança a apreciar o texto contado pelo professor parcialmente lido. No caso de crianças pequenas, com livros de histórias curtas e agradáveis a ela, de forma que ela possa refletir, mesmo por meio de desenhos, o conteúdo que lhe é proposto a analisar.

Contos de fadas devem ter além da magia, um referencial para que a criança contextualize o momento de ouvir esses contos e, por meio do trabalho do professor ao apresentar tais textos, a criança possa vivenciar a história lida ou dramatizada.

Para Bettelheim (2002) todo indivíduo tende a avaliar uma atividade e aquilo que acrescentou em sua percepção e criticidade. Em relação aos contos de fadas essa percepção ainda é mais relevante, já que ela vive o presente; tem ansiedades sobre o futuro e as histórias lidas têm de ter sentido e objetivos pedagogicamente específicos para o seu crescimento cognitivo, emocional e social.

Conferindo-se ainda há um fator a ser considerado em relação aos contos de fadas e as histórias infantis de um modo geral:

A pior característica destes livros infantis é que logram a criança no que ela deveria ganhar com a experiência da literatura: acesso ao significado mais profundo e àquilo que é significativo para ela neste estágio de desenvolvimento. Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. (BETTELHEIM, 2002, p. 4).

Os contos de fadas, em si, criam outro teor quando estão paralelos ao querer da criança, à sua análise do que está à sua volta; cabe, dessa forma, fazer com que a criança analise os contos de fadas com criticidade, reportando seus sentimentos e emoções para o que lhe é contado: assim, gradativamente, a criança vai ganhando criticidade, entendendo diferenças e tendo condições de sociabilizar-se, socialização esta que é o início da afetividade.

Para Wallon (2010), a criança possui estágios aos quais está intrinsicamente ligadas a formação de sua personalidade e autoconsciência, surgindo, daí, a importância de verificar a dinâmica do desenvolvimento da criança, “seus gostos”, bem como, valorizar os seus conhecimentos por meio de um processo dialógico que pode fazer com que uma simples história, um conto de fadas comece a dar vazão a sua criticidade.

Nos contos tradicionais, segundo Bettelheim (2002), geralmente há uma caracterização de forma sintética onde existe “o bem e o mal”, a “mocinha e o bandido” e os cenários são compostos de muitas figuras, sendo, geralmente, castelos ou casas onde a princesa mora ou deve ser salva.

Ao referenciar a análise de Bettelheim (2002), pode-se salientar que as histórias infantis tinham como ênfase a moralidade e a ética a serem aprendidas pela criança. Atualmente é possível salientar que os contos de fadas ao serem trabalhados dentro de sala devem considerar principalmente a diversidade, fator este essencial para a sociabilidade da criança. De forma sintética, nas histórias infantis (a princesa sempre linda em um padrão de beleza onde os olhos claros e cabelos loiros deram a ela a condição de princesa e ao príncipe; por ter um cavalo branco, ser nobre).

O que em síntese faz com que “ser príncipe é ter um cavalo branco” e para “ser princesa precisa-se ter olhos claros e cabelos irradiantes”. Desta forma ninguém mais pode ser nobre se não estiver dentro dessas características. (BETTELHEIM, 2002).

Sendo assim, é de suma importância que o professor trabalhe a diversidade e mostre a criança que o príncipe e a princesa estão dentro deles mesmos; trabalhando desta forma a diversidade e autonomia de forma lúdica: o que é o princípio da autoestima e da noção de que somos ao mesmo tempo diferentes e iguais. (BETTELHEIM, 2002).

Se as fadas não tivessem poderes, se as princesas não fossem muito belas e os príncipes não as salvassem isso seria uma quebra de contexto nos contos infantis; mas é preciso explorar o senso crítico da criança ao analisar os personagens e verificar suas condutas.

O processo mental e emocional da criança é gradativo; desenvolve sua ludicidade e tem como enfoque o imaginário a ser trabalhado pedagogicamente de modo que a criança possa verificar que não somos todos iguais e assim analisar conceitos morais e éticos. O que enfatiza assim sua autoestima e personalidade que começam na infância; mas é por meio da criticidade que continuam a cada nova etapa de escolaridade, as transformações físicas, emocionais e interpessoais.

Os versos do poema “Conto-de-fada-da-roça”, de Bernardes (2006), abaixo refletem não só a cognição da criança; mas como é imprescindível, além dos conteúdos pedagógicos, promover à criança a princípio o que rege a sociedade (valores) e no seu crescimento admitir as diferenças sociais e como principalmente transforma-la. Embora o conto referido não seja voltado para essa faixa etária, é um propósito pedagógico em que a autoestima e personalidade sejam ludicamente trabalhadas e avaliadas em momentos posteriores da educação; onde o senso crítico já é mais denso e apurado, o que reflete a um indivíduo que pela própria criticidade acredita em si e em sua própria cidadania.

Conto-de-fada-da-roça

Era uma vez, uma linda princesinha,
De nome Maria Rita,
Tinha brincos de argolinhas,
No cabelo, uma fita.

Nascera no interior,
Num palácio de pau a pique,
O rei, seu pai, trabalhador,
A rainha-mãe, nada chique.

A princesinha sonhava,
Com a sua fada madrinha,
Dia e noite a esperava,
Mas a tal fada não vinha.

Talvez estivesse ocupada,
Ou desconhecesse o caminho,
Ou, irresponsável, a danada,
Só atendia reizinhos.

Das histórias da vovó,
Já estava descrente,
Sem seus sonhos, muito só,
Já se sentia doente.

Era tão duro não crer,
Que mudaria de vida,
Seria injusto não ter
Uma fadinha querida.

Seu desejo era pequeno,
Nada exagerado:
Um rapaz alto e moreno
Num cavalo branco montado.

Para seus pais, queria ela
Uma pequena casinha
Sobre um pedaço de terra,
Era o sonho da princesinha.

Um dia, no horizonte,
Delineou-se uma imagem
Vinda de muito longe
De uma longa viagem.

Com uma roupa de gala,
Sobre um cavalo branco,
Um belo rapaz lhe fala:
Menina, eu sou bem franco!

Um dia, aqui passei,
Vi você, me apaixonei,
Sei que você não me viu,
Pois olhava fixo o rio.

Fui embora e embora irei,
Se me disser, ó menina,
Que inutilmente viajei,
Não importo, se for minha sina.

Mas gostaria de ter
Pelo menos um minuto
Para lhe fazer crer:
Você me ouve, eu lhe escuto.
Se como eu, você acredita
Em amor à primeira vista,
Saiba que lhe quero, princesinha,
Para ser a esposa minha.

O mundo, não posso lhe dar,
Mas, se com você me casar,
Seus pais conosco virão,
Onde moro há muito chão.

Sei que são trabalhadores,
Minhas terras serão nossa,
Plantaremos muitas flores,
O amor será nossa roça.

Ó minha fada-madrinha,
Perdão por ter sido descrente!
E a linda princesinha...
Casou-se... E foi feliz para sempre!

(BERNARDES, 2006)

Geralmente se pensa em um príncipe jovem, nobre, íntegro, com olhos claros, montado em seu cavalo branco, tendo como meta resgatar a princesa, também, linda, jovem de olhos azuis e cabelos “cor de ouro”.

No imaginário da criança, todos querem ser príncipes ou princesas, terem fadas madrinhas, serem heróis, combaterem vilões e, dentro do seu imaginário, serem pessoas importantes no seu mundo real. (ABRAMOVICH, 2006).

Assim, a importância dos contos de fadas não está em apresentá-los pedagogicamente, mas trabalhá-los de forma que a criança seja apresentada a eles e possa se desenvolver globalmente.

Considerações finais

Ao verificar a importância dos contos de fadas na educação infantil, partindo do pressuposto de que, por meio da ludicidade: a criança passa a analisar o ambiente em sua volta; com base no construtivismo e no sociointeracionismo, foi possível verificar que o meio ambiente influi na cognição e desenvolvimento global da criança; e que o adulto é um mediador no processo de conhecimento da criança e influi no seu crescimento em todos os aspectos; a priori em seu desenvolvimento intelectual e em sua criticidade diante dos fatos que ela presencia: fato este que, para Vygotsky e Piaget são significativos à medida que é pela observação do meio e pelas suas experiências que a criança vai compreendendo o mundo ao seu redor.

Sendo assim, pode-se afirmar que a hipótese construída para a realização deste trabalho foi comprovada, uma vez que os contos de fadas trabalhados, de forma proficiente no processo de ensino e aprendizagem, na Educação Infantil, torna esse processo lúdico, prazeroso e, conseqüentemente, proporciona à criança desse segmento educacional momentos de pura magia.

Pode-se afirmar, também, que houve consecução do objetivo desta pesquisa, visto que se averiguou como a ludicidade da criança e sua imaginação são fatores primordiais em seu processo cognitivo, emocional e, conseqüentemente, em sua criticidade e cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, F. – **Literatura Infantil – gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2006.
- AMARILHA, M. **Estão mortas as fábulas**. São Paulo: Vozes, 1997.
- BEE, Helen – **O ciclo vital**. Regina Garcez (Trad.). Por Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BERNARDES, Anézio Cláudio. **Versos x versos**. Taubaté: Cabral, 2006.
- BETTELEIM, B -. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- BETTELHEIM, B – **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed, São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BRASIL. **Política da educação**. Ministério da Educação e da Cultura. Brasília: MEC, 2009.
- _____. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: MEC, 2001.
- _____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil, RCNEI**. Brasília: MEC, 1998.
- _____. **Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil – Vol. LI**. Brasília: MEC, 1998.
- COELHO, Nely Novaes. **Literatura infantil**, São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER et al. **Leitura literária na escola**, FNDE, São Paulo: Mercado Letras, 2011.
- GÓES, Lucia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991.
- KANT, Immanuel, **Pedagogia e autonomia**. São Paulo: Scipione, 1996.
- LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**, Porto Alegre: Artmed, 2005.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos. **Creche criança faz de conta e Cia**. São Paulo: Vozes, 2011.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, Vozes, 2001.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SILVA E COSTA. **Os fazeres na educação infantil**. O adulto, um parceiro especial. Maria Clotilde Rossetti – Ferreira (org.). 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

VIGOTSKY, L.S. – **A Formação social da mente**, São Paulo: Fontes, 1989.

WALLON, Henri/ Hélène G.- Alfandéry; tradução: Patrícia Junqueira. Org. Elaine T.D.M. Dias - Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
134 p.: il. – **(Coleção Educadores)**.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2012.